



Baleada



Estrangulada



Incendiada

Vítimas da honra



Esfagueada



Aprisionada



Baleada



Corpo nunca encontrado



Baleada



Baleada

Todo ano, na Europa, milhares de mulheres são forçadas a se casar, sofrem violência física e até morrem em nome da honra da família. Precisamos dar fim a esses crimes bárbaros e ajudar aquelas que vivem com medo.

POR TIM BOUQUET



Esfaqueada



Baleada



Esfaqueada

6 de fevereiro de 2011, Oberlandgarten, Berlim. Como nos últimos seis anos, uma multidão calada, com ramos de flores nos braços, se reúne junto a um monumento de pedra num ponto de ônibus no distrito de Tempelhof, na capital alemã. Foi ali, naquela avenida de árvores comuns e sem folhas e prédios banais, que Hatun Sürücü, mãe de 23 anos, foi alvejada, em 7 de fevereiro de 2005.

O monumento de pedra é dedicado a ela e às “outras vítimas de violência nesta cidade”. O assassinato de Hatun nada teve de comum: foi um homicídio em defesa da honra.

O homicídio e a violência em nome da honra, em que moças (e, às vezes, rapazes) são “punidas” por contrariar as tradições familiares, culturais e tribais, principalmente o casamento forçado, são um problema grave na Alemanha. A chanceler Angela Merkel declarou no ano passado que a tentativa do país de construir uma sociedade multicultural foi um “completo fracasso”.

Não é só a Alemanha que enfrenta o

problema. Na última década, revelou-se que uma prática sinistra, que já foi tabu, é endêmica em muitos países europeus com grandes comunidades de imigrantes, como França, Itália, Dinamarca, Bélgica, Países Baixos e Reino Unido.

Em 2009, um influente comitê do Conselho Europeu divulgou que “nos últimos 20 anos os crimes de honra se tornaram cada vez mais comuns na Europa”. É difícil apresentar números exatos porque, até pouco tempo, muitas dessas mortes eram registradas de forma errada como suicídios ou homicídios convencionais. Alguns especialistas calculam que o total global de vítimas do homicídio em defesa da honra chega a 100 mil.

O homicídio em defesa da honra é mais chocante ainda por ser premeditado.

– Não pode ser explicado como crime trágico e passional – diz o advogado britânico Nazir Afzal, especialista em casos de crimes de honra. – A realidade é que uma família inteira, mães e irmãs inclusive, senta-se ao redor da

Cinco crimes de honra

Homicídio em defesa da honra: “Em nome de preservar a ‘honra’ da família, mulheres e meninas são mortas a tiros, apedrejadas, queimadas, enterradas vivas, estranguladas e esfaqueadas com regularidade horripilante”, diz a Comissão de Direitos Humanos

da ONU, que descreve o fenômeno em termos globais.

Casamento forçado: amplamente ilegal, mas só na França estima-se oficialmente que 70 mil moças corram esse risco.

Rapto: mulheres são drogadas, mantidas em cárcere

privado e depois forçadas a se casar.

Violência e tortura: impostas por pais ou irmãos para “limpar e reparar” a ruptura das normas da família ou da comunidade.

Ameaças: essas vão da intimidação ao ultimato de morte.

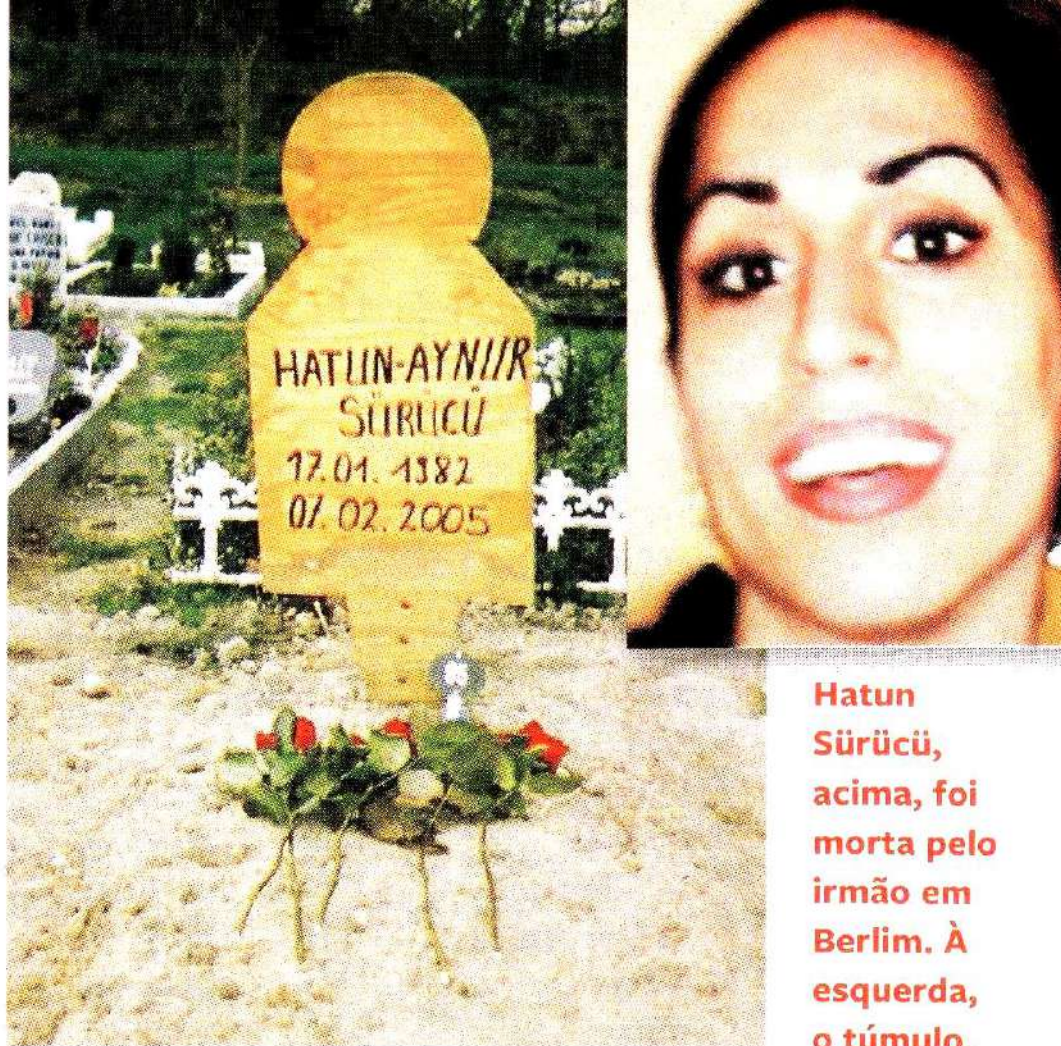
mesa e decide com a maior calma que uma filha ou esposa precisa ser ferida ou morta. Todos os detalhes são discutidos: quem será o assassino, onde e como ela morrerá e como se livrarão do corpo.

Em 2005, Hatun Sürücü achou que finalmente estava livre. Em 1999, fugira do casamento violento com um primo-irmão muito

mais velho em Istambul – do qual tinha um filho, Çan –, imposto pela família quando tinha 16 anos. Ao chegar a Berlim, foi morar num abrigo para mães solteiras até conseguir o seu próprio apartamento – a poucos minutos do lugar onde morreu – para criar o filho.

De cabelos pretos, bonita e abençoada com um sorriso largo e encantador, Hatun estava prestes a terminar o curso de eletricista. Rejeitara o lenço que escondia a cabeça e escolhia as roupas que queria usar, dançava e ia ao cinema – coisas que as europeias consideram normais, mas que eram proibidas na sua família de curdos sunitas devotos e tradicionais.

Hatun tinha oito irmãos e apenas dois não eram nascidos na Alemanha. No início da década de 1970, os pais tinham deixado a Anatólia Oriental,



Hatun Sürücü, acima, foi morta pelo irmão em Berlim. À esquerda, o túmulo.

na Turquia, quando o pai, Keram, arranhou um emprego de jardineiro.

Ele criou os filhos para serem estritamente religiosos, e todo o contato com Hatun foi cortado quando ela optou pelo estilo de vida ocidental. Mas a moça sentia que a reconciliação com a família estava próxima. Acabara de dar à mãe um tamborete de madeira que fizera na escola.

Assim, quando Ayhan, o irmão caçula de 18 anos, a visitou em casa, ela ficou contente. Conversaram na pequena cozinha, e ele gostou de ver que Hatun mantinha um tapete de oração. Então, ele lhe pediu que o acompanhasse até o ponto de ônibus em Oberlandgarten.

No caminho, Hatun comprou uma xícara de café e, de repente, Ayhan exigiu que ela “renunciasse aos seus

pecados” e abandonasse aquela vida se queria se reconciliar com a família. Ao fugir do casamento, namorar e abandonar as roupas conservadoras, Hatun “manchara a honra da família”, que, segundo ele, era “personificada principalmente pela integridade sexual das mulheres”.

Com a irmã morta, ele disse à namorada Melek, de 18 anos: “Há anos não durmo tão bem.”

“Vou sair com quem eu quiser”, insistiu ela. Como Hatun rejeitava as suas exigências, Ayhan puxou calmamente uma pistola 7.65 mm e deu três tiros à queima-roupa no rosto da irmã. Ela já caiu morta na calçada.

Quando a polícia e os paramédicos chegaram, o café da xícara que ela segurava se misturara ao sangue. Um maço de cigarros franceses que lhe saía do bolso do peito do casaco de fustão tinha o lema “Liberté toujours”. Dois dias depois de matar Hatun, em 9 de fevereiro de 2005, Ayhan Sürücü estava numa das muitas confeitarias turcas docemente perfumadas de Kreuzberg, bairro apelidado de “pequena Istambul” por ter um terço da população de origem turca. A família morava ali, num apartamento de quatro quartos, e rezava cinco vezes por dia.

Ayhan estava de bom humor quando contou à namorada Melek, de 18 anos,

que tivera de matar Hatun porque “desprezava o seu modo de vida desonroso”. Com a irmã morta, disse à namorada: “há anos não durmo tão bem”.

O assassinato de Hatun chocou a Alemanha – mas não por completo. Pouco depois, no pátio de uma escola não muito distante de onde Hatun morreria, os alunos imigrantes do ensino médio aplaudiram sua morte. Ela “mereceu”, disse um deles, “por querer viver como alemã”.

Ayhan está a meio caminho de ser condenado a uma pena de nove anos numa prisão juvenil; mas dois irmãos foram absolvi-

dos da acusação de conspiração para matar. Saíram do tribunal fazendo o sinal da vitória, anunciando que dariam uma festa. Em 2007, quando o Supremo Tribunal alemão derrubou a absolvição, os dois já estavam na Turquia.

A morte de Hatun Sürücü continua a ser um facho que expõe um crime vil.

– A violência diária contra mulheres é grave, e elas não têm proteção suficiente – diz Gülşen Celebi, advogada de 38 anos de origem curda e moradora de Düsseldorf, que defende vítimas de crimes de honra.

Uma de suas clientes, que escapou de um casamento forçado e violento e lutava para ficar com a custódia dos três filhos, foi morta a tiros pelo ex-marido turco depois de uma audiência no tribunal de Mönchengladbach, embora ele estivesse sob uma

ordem de restrição e houvesse um mandado de prisão contra ele. Também matou a filha de 18 anos quando ela chamou a polícia.

- Na opinião dele - diz Celebi - as duas mulheres o desonraram: a esposa por causa do divórcio, a filha porque se rebelou contra o seu absolutismo.

- A violência em nome da honra pode ser anterior ao islamismo, assim como é a mutilação genital - diz Ayaan Hirsi Ali, ex-parlamentar holandesa nascida na Somália. Mas, como muitos desses casos acontecem em comunidades migrantes turcas, curdas, paquistanesas e de Bangladesh, ela acredita que o homicídio

em defesa da honra é um problema predominantemente muçulmano.

Em 2006, Hirsi Ali foi nomeada Europeia do Ano pela Reader's Digest por lutar pelas mulheres oprimidas no seu país de adoção, depois de fugir de um casamento forçado. Ela admite que "os homicídios em defesa da honra acontecem entre cristãos coptas, romanis, síques e hindus". Mas alega que a violência faz parte da disciplina social islâmica.

Hirsi Ali afirma: "Para uma muçulmana, sair à rua sem o irmão ou o pai pode resultar em ser baleada." Franca e resoluta, depois de receber ameaças de morte ela viaja com guarda-costas.



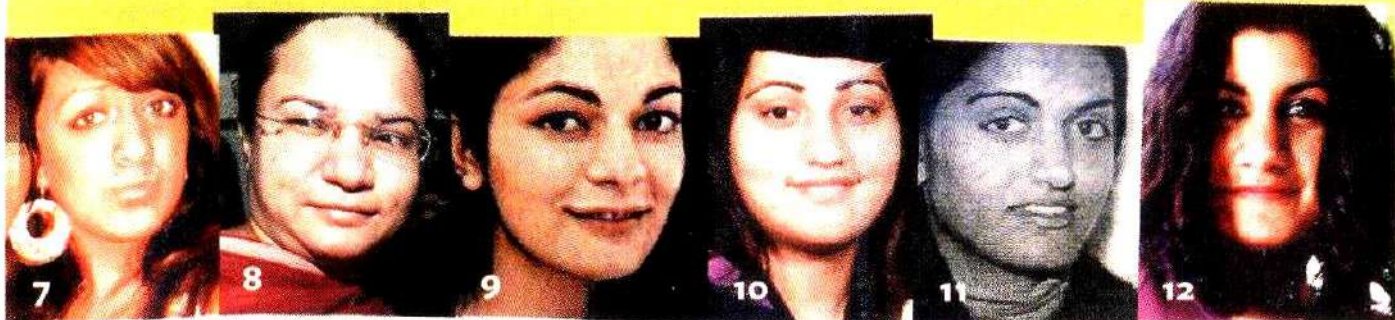
Negócio de família repulsivo

(da página de abertura) **1. Anoeshe Sediq Gholam**, Noruega; morta a tiros pelo ex-marido.

2. Banaz Mahmud, Reino Unido; morta por parentes. **3. Sherazade Belayni**, França; incendiada pelo ex-namorado. **4. Tulay Goren**, Reino Unido; assassinada pelo pai. **5. Tugba Tunc**, Suécia; atacada a tiros, ficou parálitica, depois de ameaças da família. **6. Hatun Sürücü**, Alemanha; assassinada pelo irmão mais novo. **7. Morsal Obeid**, Alemanha; esfaqueada e morta pelo irmão. **8. Humayra Abedin**, Reino Unido; aprisionada pela família.

9. Fadime Sahindal, Suécia; morta a tiros pelo pai. **10. Samaira Nazir**, Reino Unido; assassinada pelo irmão e pelo primo. **11. Ghazala Khan**, Dinamarca; morta a tiros pelo irmão.

12. Hina Saleem, Itália; esfaqueada e enterrada pelo pai e por parentes.



O crime em defesa da honra nada tem a ver com religião, insiste Sibylle Schreiber, especialista nesse tipo de crime e integrante do respeitado grupo alemão Terre des Femmes, que ajuda mulheres há cerca de 30 anos. “Noventa por cento das moças que nos pedem ajuda nunca mencionam a religião como problema, e nenhuma religião prega o crime de honra.”

Uma menina e um menino que se encontram na escola e se apaixonam via torpedos e e-mails podem ser muçulmanos. Mas ainda assim enfrentarão problemas se não vierem da mesma tribo, aldeia ou estrato social. Quando o segredo é descoberto, a honra das duas famílias se atola na vergonha, principalmente a da menina.

– O crime de honra está ligado a tradições antiquadas e à violação dos direitos da mulher – diz Schreiber. – As meninas que nasceram e se formaram no Ocidente entram em conflito com os pais, que têm outra vivência. O crime também está ligado a padrões duplos. Os meninos turcos e curdos podem praticar o sexo antes

do casamento, mas querem uma noiva virgem da sua própria cultura.

E as mulheres que sofrem abuso ou correm perigo de ser mortas em nome da honra podem não receber muita proteção dos tribunais da charia islâmica, que vêm brotando em toda a Europa. Só no Reino Unido são 85. Sob a lei britânica, eles podem decidir questões civis caso ambas as partes concordem em se submeter à arbitragem.

Embora o código civil da lei da charia, baseada no Corão, proíba o casamento forçado, o depoimento da mulher no tribunal tem a metade do valor do de um

homem e o contrato de casamento é feito entre o seu guardião masculino e o marido. Ela não tem permissão para se casar com alguém que não seja muçulmano e, caso contraia novo matrimônio, perderá a custódia dos filhos. O marido pode ter quatro esposas; e todos os filhos com mais de 7 anos lhe pertencem, ainda que ele apresente histórico de violência.

A batalha contra o crime de honra é travada em três frentes: proteção,



Uma entidade beneficente de Berlim divulga o seu número de emergência com um cartaz em turco e alemão para estimular as mulheres: “Dê fim ao silêncio, não à vida”.

processo judicial e mudança das percepções dentro das comunidades em que é cometido.

A segurança é fundamental para as moças e meninas em fuga, e estão surgindo abrigos em toda a Europa. Papatya, em Berlim, é um centro pioneiro de moradia segura criado em 1986, que também oferece um serviço muito usado de orientação por telefone e *e-mail*. Dá proteção a umas 65 moças por ano.

– Estimamos que entre 1996 e 2009 houve 88 homicídios em defesa da honra na Alemanha – diz Eva, que administra o centro mas não revela o nome completo por medo de que a família das moças descubra onde ela mora e localize o abrigo.

Hazal Ates é uma das beneficiadas gratas ao serviço de Papatya. Prometida com 13 anos, aos 16 foi forçada a se casar com um primo mais velho na Turquia, união que se resumia a abusos sexuais e psicológicos cotidianos.

– Ele ria quando eu chorava e fazia eu me cobrir quando saía na rua – recorda ela. Infeliz e desesperada, Hazal planejou fugir, mas não conseguiu voltar para a própria família. – Meu pai me disse que ele era um bom marido para mim e que me mataria se eu voltasse para casa.

Então Hazal descobriu que estava grávida.

– Fiquei arrasada. Não havia mais luz. – Com a ajuda de uma professora, ela encontrou o abrigo de Papatya em

Berlim, mas teve de ir ao hospital para o parto. Perdeu o bebê. – A família do meu marido deu um jeito de descobrir em que hospital eu estava e começou a ligar. Acusaram-me de matar o filho deles e ameaçaram me matar como vingança.

Hazal ficou apavorada, com medo de que a encontrassem em Berlim. O abrigo arranhou um lugar para Hazal em outra grande cidade alemã o mais rápido possível. Isso foi há dois anos, e Hazal, hoje com 19, estuda para se tornar vendedora.

Vestida com elegância, tem um apartamento próprio e seus olhos cintilam. Não há sinais externos do tormento por que passou.

– Agora a minha cabeça é minha – diz

“A família... se senta à mesa e decide calmamente que uma filha ou esposa precisa ser ferida ou morta.”

ela com um sorriso. – A liberdade é algo com que você tem que se acostumar, mas me tornei autoconfiante porque posso tomar minhas próprias decisões.

Cerca de 70% das moças que chegam a Papatya – algumas com apenas 13 anos – começam uma nova vida num período de semanas ou meses, com a ajuda de uma equipe multirracial de assistentes sociais, um psicólogo e um pedagogo.

E os outros 30%?

– Algumas voltam para casa porque têm uma família unida e, por pior que seja a situação, não conseguem viver sem as irmãs – explica Eva. – Outras têm muito medo de que as irmãs possam ser alvo de violência porque elas fugiram. É preciso uma coragem imensa para começar uma nova

“É preciso muita coragem para começar nova vida quando as proibiram de aprender a viver com independência”

vida onde não conhecem ninguém e quando as proibiram de aprender a viver com independência.

Mesmo quando conseguem fugir, a família as persegue, chegando a invadir computadores para descobrir os registros de emprego e previdência social, e as enganam para que voltem, com histórias de que a mãe ou a irmã está à beira da morte.

Depois de anos de investigações malfeitas e sem muito interesse, as forças policiais da Europa agora acumulam provas não só contra os assassinos – em geral o caçula, como Ayhan Sürücü, que receberá uma pena mais leve por causa da idade –, mas também contra os conspiradores da

família, que põem a faca ou a pistola nas mãos do matador.

Em 2006, um júri de Copenhague entrou para a história quando, pela primeira vez, condenou nada menos que seis integrantes de uma família paquistanesa pela morte de Ghazala Khan, de 18 anos, dois dias depois de ela se casar com um afegão contra a vontade deles.

Os políticos também estão despertando para o crime de honra. Este ano, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa deve finalizar uma convenção para prevenir a violência contra mulheres, que inclui referências específicas aos crimes ligados à honra.

– Temos de sinalizar com veemência que esses crimes não têm lugar na sociedade democrática – diz José Mendes Bota, o presidente português do Comitê de Oportunidades Iguais para Homens e Mulheres da Assembleia. – Essa barbáridade tem de ser erradicada.

Os especialistas em crime de honra acreditam que será preciso que os homens deem fim à opressão masculina das mulheres, aceitável há séculos em culturas patriarcais. Esse é o tema central do projeto Heróis, que acontece desde 2007 em Berlim, no bairro Neukölln, que tem a maior proporção de migrantes árabes e turcos na cidade mas está se libertando do rótulo de gueto.

O projeto prepara rapazes para irem a escolas, faculdades e centros da ju-

ventude mostrar a seus semelhantes que há outro caminho, quando se trata de direitos humanos, democracia, sexualidade, virgindade e igualdade entre os sexos.

Agora, são 22 os Heróis. Um deles é o Herói Deniz, rapaz de ascendência turco-curda de 21 anos que nasceu e cresceu em Neukölln.

- Quero provar aos rapazes da cultura turca e árabe, assim como das outras culturas ditas “da honra”, que podemos ser diferentes do que a maioria acha - diz ele.

Oito cidades alemãs, como Hamburgo e Düsseldorf, planejam criar o seu próprio projeto Heróis.

Mas, antes de dar de ombros e desdenhar o crime de honra como problema dos outros, vejamos o alerta de Eduardo Grutzky, que gerencia o

projeto SHIELDS, com sede em Estocolmo, para ajudar professores e orientadores juvenis a discutir o crime de honra com jovens de todas as culturas. “Temos de mostrar a todos, na nossa sociedade, que esse não é mais um problema de imigrantes. Passou a ser problema nosso.”

Reportagem com contribuição de: Martina Mach (Stuttgart), Guillaume Tixier (Paris), Rhea Wessel (Kronberg, Alemanha)

Em 2011, foi lançado o documentário *Two Sides of the Moon: The Tragic Honor Killing of Hatun Sürücü*. O filme alemão *Die Fremde*, parcialmente baseado no assassinato de Hatun, ganhou em 2010 o prêmio LUX de cinema do Parlamento Europeu.

VENDE-SE UM PIANO

Pedi a meu tio, exímio pianista, que avaliasse o som de um piano de segunda mão que pretendíamos comprar. Chegamos à casa onde estava o instrumento e Tio Frank o examinou, depois sentou-se e tocou um *pot-pourri* de música popular e peças clássicas.

Quando terminou, dissemos à família que lhes telefonaríamos dentro de 15 minutos. Depois que saímos, Tio Frank disse que, embora a madeira estivesse danificada, o som era bom e devíamos comprar o piano.

Então liguei para a mulher, que parecia estar chorando. Preocupada, indaguei:

- O que aconteceu?

- Não sabíamos que esse piano podia tocar assim - respondeu ela.

Eles desistiram da venda e a filha dela teve de retomar as aulas de piano.



Terry Smith